

- Instrucciones:**
- a) Duración: Una hora.
 - b) Puntuación: Hasta 10 puntos.
 - c) Se deberá realizar la traducción del texto propuesto sin ayuda de diccionario.

A água é para lavar os pés

Nasci numa quinta onde se produzia vinho, pisei uvas nos lagares e, uma vez, até caí dentro de um deles. Talvez esta queda, qual Obélix no caldeirão da poção mágica, explique a minha paixão pelo vinho – e outras coisas que não vêm ao caso. E eis que descubro que os iluminados da União Europeia tentaram fazer aprovar uma lei que obrigaria as garrafas de vinho a ter avisos contra o cancro nos rótulos – tal como os maços de tabaco. Num ápice, todos os estudos científicos que demonstram que o vinho possui antioxidantes que nos protegem das doenças mais graves, incluindo o cancro, são varridos. E que milhões de pessoas pudessem perder os seus empregos, também não os preocupou. Obviamente, a ideia chocou contra o bom senso da maioria dos deputados europeus e a proposta acabou por ser alterada para a necessidade de se combater o excessivo consumo de álcool.

Por detrás desta lei esconde-se a sanha dos Grandes Irmãos e Irmãs que nos vigiam e que sabem o que é melhor para nós, que nos querem ensinar a comer, a escolher as peúgas, e, sobretudo, a pensar.

Como afirma Hugh Johnson na História Universal do Vinho, o vinho é indissociável da História Europeia: está presente nos cultos pagãos e na religião cristã, é uma das bases da economia desde o mundo antigo até hoje, deu ao homem as primeiras aulas de ecologia, foi durante séculos o único anti-séptico existente durante as cirurgias, foi decisivo na criação dos mosteiros, inspirou artistas e escritores, e esteve presente no nascimento da bioquímica. O vinho é muito mais do que uma bebida. Sem ele, não haveria a nossa civilização – tal como a conhecemos.

Voltando às origens, as minhas duas avós viveram quase até aos cem anos bebendo, todos os dias, um copo de vinho às refeições. Aliás, a minha avó paterna tomou sempre os seus remédios com o seu Audinet de Bordéus. E quando algum zelador da saúde alheia lhe recordava que isso fazia mal, retorquia, com a condescendência que a idade lhe conferia.

– A água é para lavar os pés!

O meu conselho para as luminárias de Bruxelas é parecido: metam essas cabeças alucinadas em água fria, de preferência debaixo do menino Manneken Pis, e deixem-nos gozar a vida.

João Cerqueira *in Sapo.pt* (Adapt.)